



# **O Especialista**

**Maria Helena Bandeira**

*Título:* O Especialista

*Autora:* Maria Helena Bandeira

*Capa:* Gabriel Bozano / Jorge Candeias

*Revisão:* José Saraiva / Jorge Candeias

*Publicado originalmente em:* E-nigma Light (2002)

*Prémios:*

Nomeado para o Prémio ARGOS 2002 na categoria “Melhor Ficção”

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

*Editor:* E-nigma ([www.ficcao.online.pt/E-nigma](http://www.ficcao.online.pt/E-nigma)) / Jorge Candeias

*Edição n.º:* NE-3/2003

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em [www.ficcao.online.pt/E-nigma](http://www.ficcao.online.pt/E-nigma)

## 1º Ato

O Escritor elaborou o anúncio pela décima vez e digitou-o no terminal.  
O símbolo inconfundível da UNIC apareceu na tela:

“BOSTON — 2015 — Elizabeth Tellmark pela CLOUD para pasta dental  
EXCLUSIVE — Março a Julho — Amerikan Net Stereovision”

Soltou o milésimo palavrão. Tinha vontade de esmurrar o computador.

Com um movimento brusco, retirou o pequeno cachimbo eletrônico preso a um dos lados do terminal e aspirou a fumaça antipolvente e anticancerígena.

Uma cortesia do Departamento de Pesquisa em Biofeedback da UNIC.

O calor e um ligeiro relaxante acrescentado ao fumo diminuíram sua irritação em alguns pontos percentuais. A pequena luz vermelha do cachimbo foi se tornando alaranjada até se estabilizar no amarelo.

Continuou, então, a quebrar a cabeça com as combinações possíveis.

Na vigésima-quinta tentativa, finalmente, o maldito símbolo não apareceu.

E a máquina emitiu as alegres notas da Aleluia de Haendel, que ele acompanhou em falsete.

Pequena contribuição humorística acrescentada, por sua conta, ao programa.

Agora, só faltava testar os estereovídeos prontos e a trilha sonora. Às vezes, depois do produto acabado, era preciso recomeçar por causa de um pequeno detalhe.

A UNIC (Universal Idea Company) tornara-se o terror de todos os criadores. Uma simples firma de patentes que o gênio de seu dono transformara no poderoso complexo mundial de hoje, que englobava todas as firmas de absolutamente tudo que era produzido no planeta. De frases a imagens e músicas, de máquinas a sabonetes.

Com a rendosa indústria dos processos por plágio, a preocupação dos criadores tornou-se paranóica, principalmente na área de publicidade. Quase todos trabalhavam

com terminais da UNIC.

Os outros simplesmente não existiam para o mundo do consumo.

“RIO DE JANEIRO — 2021 — Marcos Cordeiro pela DPZ para sutiãs Desire — três semanas em Maio — Revistas na Web e jornais.”

O Escritor jogou a cadeira longe. O cachimbo não estava sendo suficiente.

Foi até o banheiro, pressionou a tecla que adicionava modificadores comportamentais à água da torneira e tomou um copo-medida.

No espelho em frente seu rosto estava tenso e os cabelos cada vez mais grisalhos, indicando o início da Síndrome de Retroatividade Verbal que acometia os profissionais da sua área.

Os cabelos ficavam precocemente embranquecidos e o vocabulário, eternamente policiado, ia se reduzindo a slogans para cada operação do cotidiano, até que a comunicação em sociedade se tornava impossível.

Eram, então, internados no SEPROC (Sanatório Especial dos Profissionais de Criação) onde permaneciam, em estado catatônico, os olhos brilhantes, emitindo sílabas incompreensíveis.

Uma parte das diárias de hospitalização saía de seus polpudos salários. A outra era, generosamente, doada pela UNIC.

Quando o modificador começou a fazer efeito, o Escritor voltou a se sentar diante do terminal.

Finalmente, os anúncios ficaram prontos. Tinham, cada um, exatamente 15 segundos. Mas levaram oito dias e seis horas para que o computador os aceitasse.

## 2º Ato

Chovia fino quando o porteiro introduziu os primeiros membros do Clube dos Tomadores de Café no saguão iluminado.

Uma entidade que tinha como única finalidade aparente reunir, em torno da negra infusão, uma série de apreciadores, para discutir sobre inutilidades.

Todas as quartas-feiras, pontualmente, às nove horas da noite, no imponente edifício-sede da Empresa ATZ de Publicidade.

Quando o número de participantes se completou, o Escritor, que presidia às sessões, mandou que as portas de aço fossem fechadas.

Ninguém mais poderia entrar ou sair da reunião.

Nesse momento, uma radical transformação se processou entre os pacatos Tomadores de Café:

Três deles, munidos de rastreadores eletrônicos, rapidamente vasculharam o recinto à procura de câmeras e microfones.

Um telão de estereovídeo apareceu atrás da mesa do conferencista e, por uma porta até então invisível, o Desconhecido entrou e se sentou ao lado do presidente.

O Escritor foi direto ao assunto:

“Este é aquele que nós chamamos o Especialista...”

Todos os olhos se voltaram para o estranho. Um homem alto e moreno, de pele clara e rosto sensível.

Não parecia um matador.

“Na verdade é o protótipo Número Um da série Alpha. Um clone. Uma reprodução absolutamente fiel, física e mentalmente, de seu original humano, o Dr. Jason Lannor, cientista brilhante e meu amigo. Ele trabalhou nesse projeto durante quinze anos, num laboratório secreto nas montanhas, com uma equipe cujos

membros, por motivo de segurança, nem eu mesmo conheço integralmente. O Dr. Lannor morreu há dois meses atrás...”

O Escritor fez uma pausa. Os outros permaneceram em silêncio.

“Desde então, o Especialista tem se mantido oculto, com a minha ajuda, até esse momento. Quando chegou a hora dele realizar sua primeira tarefa para nós: eliminar o nefando Sing Lo, presidente da UNIC...”

O silêncio se tornou mais espesso.

“O Especialista é praticamente um homem comum. Suas necessidades são as mesmas de um indivíduo normal de seu tamanho e idade aparente. Pode sentir dor, fome e frio, e não é dotado de super força ou velocidade, nem tem qualquer tipo de poder desconhecido. Mas foi projetado com uma qualidade essencial para o sucesso dessa operação, além de um cérebro privilegiado: **a ausência total de qualquer emoção humana...**”

Pela primeira vez, um ligeiro tremor percorreu a assistência.

“Nem ódio, nem medo, atrapalhando sua caminhada. Nem ambição, nem amor, impedindo-o de ver claramente seus limites...”

O desconhecido permanecia impassível, ouvindo com atenção concentrada e registrando todos os detalhes ao seu redor.

“Agora, ele vai nos mostrar, num programa simulação, exatamente como a coisa deve acontecer...”

Com seu jeito distante e tranqüilo, o Especialista inseriu o programa. Imagens perfeitas dele e do presidente da UNIC apareceram no telão no ambiente escolhido.

Os espectadores prenderam visivelmente a respiração, quando o espírito do Sing Lo virtual foi ao encontro de seus antepassados, através da mão certa do Especialista.

Então a tela escureceu novamente e todos respiraram aliviados.

O Escritor decretou com voz fria:

“Será amanhã, às 17 horas. Os que estiverem de acordo levantem a mão direita.”

Uma a uma, as mãos se levantaram lentamente.

A tela escureceu, o Especialista desapareceu pela porta secreta e os Tomadores de Café voltaram a conversar sobre amenidades.

### 3º Ato

O Honorável Sing Lo ultrapassou os portões da Universal Idea Company cercado por sete seguranças orientais.

Quando se aproximou do jatinho executivo preto que o levaria à sua residência, exatamente às dezessete horas, uma rajada de metralhadora laser, de fabricação iraquiana, separou seu corpo em duas metades.

Sua venerável cabeça rolou até o meio-fio e ficou oscilando até cair na sarjeta em meio a uma poça de sangue.

Essa imagem, projetada um milhão de vezes, percorreu o mundo em todas as estereovisões do planeta, apenas alguns segundos após o estrondo final.

Elas mostravam, também, um homem sendo preso rapidamente pelos seguranças e colocado no aerocar da Polícia Volante que desaparecia no céu contra o sol poente.

Um visual plástico e forte, pelo qual o editor da Transeuropean recebeu elogios do diretor e o cinegrafista foi cumprimentado com tapinhas insinceros pelos colegas.

Enquanto o mundo assistia, estarecido, ao desenrolar das notícias e às imagens do Departamento de Pesquisa sobre a vida e a obra do Honorável Sing Lo, o Especialista era levado para a Prisão de Segurança Máxima nas montanhas de Thor e entregue ao Serviço de Informações.

## 4º Ato

Situada nos contrafortes das montanhas geladas de Thor, a Prisão de Segurança Máxima é uma edificação escura e pesada, que se confunde com as rochas ao seu redor.

A muitos quilômetros de qualquer cidade e cercada por poderosos rastreadores espaciais, é praticamente inacessível, tanto por terra como pelo ar.

Só aerocars e aeróbus policiais descem no seu aeroporto e as visitas são proibidas.

Sua divisa poderia ser:

“Deixai toda a esperança, ó vós que entráis.”

Para os que lá chegam como prisioneiros, a Prisão de Segurança Máxima de Thor é o próprio Inferno.

Muitos metros abaixo do solo, nos Laboratórios de Interrogação Científica, os guardas colocaram o Especialista numa cadeira de aço e prenderam suas pernas e um dos braços por garras de metal. O braço livre repousava sobre um anteparo brilhante que terminava numa prancha onde lhe indicaram que deixasse a mão. Ela foi, então, coberta a uma distância de aproximadamente 10 centímetros por um artefato de metal, que emitia uma luminosidade violeta.

Apesar de manietado, a posição do Especialista não era totalmente desconfortável e ele passou a observar com calma as paredes claras, as máquinas e os Cientistas ao seu redor.

“Qual é o nome dele?”

“Não conseguimos identificação até o momento. O computador rejeitou as impressões digitais como desconhecidas. A aparência externa é do Doutor Jason Lannor, físico do Projeto Experimental de Manipulação Genética.”



O outro levantou as sobrancelhas, surpreso:

“Identidade falsa. O Dr. Lannor morreu há dois meses. Deve ter sofrido uma plástica de alta sofisticação. Até as impressões foram alteradas... de qualquer maneira, fizemos coleta do material celular, vamos aguardar o exame de DNA e a resposta do Laboratório de Análises. Ele se recusa a colaborar, claro.”

O Cientista, um homem de meia-idade com a aparência de um simpático avô meio cansado, dirigiu-se diretamente ao prisioneiro:

“Preste atenção... Responda apenas o que eu perguntar. Como é o seu nome?”

“Eles me chamam o Especialista.”

“É só o que a gente consegue arrancar dele...”

“Muito bem. Deixa ele comigo...”

Dirigiu-se outra vez, pacientemente, ao prisioneiro:

“Você conhece este aparelho?”

O Especialista observou atentamente a máquina:

“Parece um Detector de Mentiras.”

“Ele pode ser considerado um Detector de Mentiras. Só que é muito mais sofisticado do que esses que existem por aí... É impossível enganá-lo. Veja bem, filho, você pode mentir para mim, mas este aparelho percebe qualquer vibração de seus dedos, por menor que seja, qualquer modificação na umidade da pele, a mais infinitesimal partícula de suor, a mais imperceptível diferença de temperatura. Então, é possível controlar todas as suas reações... saber o que se passa na sua mente... no seu sistema nervoso...”

O criador se entusiasmava com a criatura.

Mas o Especialista continuava absolutamente calmo, ouvindo, como sempre, com toda a sua atenção concentrada.

Aquela ausência de reação desapontou um pouco o Cientista. Mas era questão de tempo.

“Quando aquela luz verde se acender, a máquina estará ligada. Certo?”

“Certo.”

“Muito bem. Vamos começar... Qual é o seu nome verdadeiro?”

“Eles me chamam o Especialista.”

Nenhuma reação — afirmava o computador. A tela permanecia parada. O aparelho zumbia suavemente.

“Eu perguntei seu nome verdadeiro. Aquele do registro civil. Diga, filho, qual é o seu nome?”

“Eles me chamam o Especialista.”

Nenhuma reação.

O Cientista começou a suar. Não estava dentro do padrão. O homem era uma pedra de gelo.

“Quem são eles?”

“Os que me chamam o Especialista.”

Nenhuma reação outra vez.

“Quantos anos você tem?”

“Aparento 39 anos.”

“Não perguntei quanto aparenta!... Responda apenas o que for perguntado!... Quantos anos você tem?... Responda!... Responda!...”

O Cientista começava a perder a calma.

“Eles me chamam o Especialista. Aparento 39 anos.”

“Quer bancar o engraçadinho, não é?... Mas, se você não passar aqui vai direto para o Comportamental e lá eles não são simpáticos como eu, não... lá a barra é pesada... é sofrimento mesmo!... Ninguém resiste!... É melhor cantar aqui e você fica livre...”

Nenhuma reação — continuava o computador zumbindo suavemente, as linhas verdes correndo serenas como as águas de um rio preguiçoso de verão.

Quando a sessão terminou e os guardas entraram, o Especialista continuava absolutamente calmo. Nem um fio de seu cabelo se desarrumara. Ele observava concentradamente o ambiente, registrando cada pequeno detalhe. O cientista, vermelho e suado, bufava diante da máquina.

“Esse cara não é humano!... Rasgo meus diplomas se ele não for um andróide... pode apostar!... Quero ver os exames...”

“Não é assunto seu, Doutor. Se não conseguiu nada aqui, a ordem é levá-lo para o pessoal da Comportamental.”

“Besteira!... Estou dizendo a vocês que ele não é humano!... Não tem emoções!... Não reage!... Fica aí, sentado, feito uma pedra!... Nem uma mísera gota de suor!... Isso não existe!...”

Estava a ponto de chorar de frustração.

O Chefe da Guarda balançou a cabeça e foi saindo com o prisioneiro.

“Esses cientistas são todos birutas...”.

Deixassem com ele e os velhos métodos tradicionais, e aquele pássaro ia cantar direitinho... Mas toda essa parafernália eletrônica de agora... "Porcaria!... Não vale nada!...”.

Como não era ele quem decidia, o Especialista foi levado para o segundo subsolo, onde funcionava a menina dos olhos da Polícia Científica: o Laboratório de Terapia Comportamental para os Desvios Patológicos do Crime.

—oOo—

Quando recuperou a consciência, estava imerso na escuridão.

Há uma escuridão com a qual a vista, pouco a pouco, se acostuma, distinguindo vultos e sombras.

Mas ali, o negrume era absoluto e total.

Não havia diferença entre abrir e fechar os olhos. Era apenas um ato mecânico, como flexionar as mãos.

Pelo ar abafado e ligeiramente úmido, concluiu que estava num ambiente fechado, talvez uma cela subterrânea, próxima de algum lençol de água.

Seus ouvidos aguçados distinguiram um leve gotejar, não muito distante.

Agachou-se e apalpou o solo.

Parecia cimento, ligeiramente molhado.

Ensaçou alguns passos, sempre na mesma direção, com a mão estendida. Três passadas adiante, sua mão esbarrou numa parede úmida e viscosa. Acompanhando a parede, lentamente, descobriu um ângulo.

Retirou o casaco e colocou-o no chão, marcando o lugar. Depois se moveu com cuidado para a direita, tateando a parede.

Descobriu mais três ângulos antes de chegar de novo ao casaco, e determinou que estava num aposento de forma retangular. Não havia, pelo que pôde perceber apalpando a parede durante horas intermináveis, portas ou janelas.

Levantando a mão podia tocar o teto, também viscoso e frio.

A umidade entrava nos ossos.

Começou a sentir fome e sede. Tinha todas as necessidades humanas. Mas não havia o que fazer no momento, a não ser uma coisa: embrulhando-se no casaco meio molhado, acomodou-se num dos cantos e dormiu.

Acordou com uma sede torturante.

Resolveu então atravessar diagonalmente a cela.

Cautelosamente, colocando um pé na frente do outro, deu o primeiro passo... o segundo... o terceiro... no quarto passo seu pé encontrou o vazio.

Com os membros entorpecidos pelo frio, a umidade e a falta de alimento, não conseguiu se equilibrar.

Caiu pesadamente de encontro às águas geladas abaixo dele.

O choque fez com que perdesse a respiração, e ele afundou no líquido escuro, lutando para recuperar o fôlego. Quando conseguiu, nadou alguns metros, no limite de suas forças, sem direção, até que o braço esbarrou em algo sólido. Um parapeito escorregadio, que parecia coberto de limo, para onde subiu com dificuldade.

Ficou um minuto deitado, ofegante, o peito subindo e descendo, a garganta ardendo como fogo.

Sentiu alguma coisa rastejando sobre suas pernas. Um ser vivo, úmido, pesando sobre suas coxas, as patinhas arranhando a pele, subindo em direção ao peito.

Com um gesto rápido, agarrou a criatura e apalpou-a.

Tudo indicava que era uma ratazana, bastante grande e gorda.

Atirou-a para o lado. Ela guinchou e o ruído foi diminuindo até se perder nas profundezas.

Compreendeu, então, a razão da corrente de ar que vinha sentindo do lado direito.

Estava deitado num parapeito ao lado de um abismo.

Sentou-se com dificuldade e ficou contemplando o negrume ao seu redor,

refletindo.

Bebeu um pouco da água malcheirosa e isso acalmou o ardor na garganta e a sede, embora a náusea que se seguiu o incomodasse um pouco. Quando ela passou, sentindo-se mais forte, começou a explorar, cuidadosamente, a nova prisão.

Ali estaria melhor. Havia até alimento com que saciar a fome: ratos, talvez cobras e outros animais pequenos. Descobriu também outra companhia inanimada. Uma dezena de ossadas, provavelmente de antecessores dele naquele lugar.

Sorriu, satisfeito.

Pelo menos teria armas com que se defender e capturar suas presas.

Nesse instante, uma claridade insuportável obrigou-o a fechar os olhos.

Quando pôde enxergar novamente, viu que estava no topo de um abismo que se abria vertiginosamente abaixo dele, amarrado a uma corda que balançava ao vento, presa a uma saliência do rochedo.

Logo em seguida, ouviu um rufar de asas e levantou com dificuldade a cabeça. Um pássaro enorme, semelhante a um abutre de grandes dimensões, tentava destruir a corda com seu bico

Reunindo toda a energia que lhe restava, ele torceu o corpo e bateu os braços para afugentar a ave.

Sem resultado.

As asas flagelavam seu rosto e seus braços, e as garras finas machucavam seu peito e pescoço. A criatura procurava bicar seu estômago na altura do fígado, lacerando a carne e provocando dores lancinantes. Lutou desesperadamente para escapar, até que a corda se partiu e ele despencou interminavelmente, numa queda vertiginosa até afundar num mar de lama e sargaços.

As algas puxaram suas pernas para o fundo.

Enquanto tentava chegar à superfície e respirar, observava a beleza das plantas que se moviam sob o lodo com a atenção concentrada que dedicava a tudo ao seu redor.

Dentro da sua cabeça uma voz explodiu:

“Vamos testar a Reação Máxima Weiner”

Outra voz respondeu:

“Mas foi proibido pelo regulamento...”

As vozes se misturaram num nevoeiro denso, pontilhado de sussurros, e a escuridão novamente o envolveu.

Devagar, a claridade foi voltando.

Estava num corredor, aparentemente interminável, banhado por uma luz difusa. Era um corredor estreito e suas paredes muito altas perdiam-se na escuridão acima dele.

De alguma forma, tinha consciência de que, lá no fundo, algo inimaginável, apavorante, estava à sua espera.

Mesmo assim, caminhou com calma naquela direção.

À medida que se aproximava, a sensação ia ficando mais forte.

Escondido no negrume à sua frente, o Impronunciável esperava por ele. Sabia que apenas alguns passos o separavam do Absoluto Horror.

Havia uma música dentro da sua cabeça que se tornava cada vez mais alucinante e a mente se fragmentava em cores, acompanhando o ritmo. Pela primeira vez, tinha uma certa dificuldade de se concentrar. Mesmo assim, percebeu que tinham colocado uma pequena arma de bolso presa na sua cintura.

Então, o Especialista parou.

Os Cientistas se entreolharam. Ele já resistira mais do que era provável imaginar.

Ia desistir. Se usasse a arma contra si mesmo, o que era uma reação ainda dentro de uma certa normalidade, eles poderiam considerar a experiência satisfatória.

Mas ele apenas ajeitou a arma e continuou em passadas regulares em direção ao Inominável.

E atirou contra ele!...

Os Psiquiatras interromperam a experiência. O Especialista estava de volta à realidade.

Deitado na confortável espreguiçadeira da Terapia Comportamental.

Fechou os olhos porque a intensidade da luz, que imitava a solar, feria seus olhos acostumados à penumbra do corredor.

Ao seu redor, os jardins envidraçados e coloridos do Projeto Mente-Sonhos.

Os Cientistas tiraram o Capacete de Ondas de sua cabeça sem dizer uma palavra.

Através do intercomunicador chamaram o Chefe da Guarda.

“Ele é todo seu.”

Definitivamente, o Especialista não reagia como um ser humano normal. Tinham experimentado com ele os pesadelos e medos mais frequentes e mais terríveis na extensa gama do terror humano. E ele resistira a toda e qualquer tortura mental. Caindo de precipícios assustadores, preso com cadáveres e ratos no escuro, enfrentando répteis e animais pré-históricos, mantivera sempre a mesma calma determinação, a mesma atenção concentrada.

Nada era capaz de abalá-lo.

Tinham acabado de colocar na sua mente, apesar da proibição expressa do Conselho de Ética Médica, o último recurso, o pesadelo inenarrável, o sonho maldito escondido no mais recôndito da alma de cada um.

E o Especialista atirara contra ele!...

Não tinha reações humanas. Essa foi a conclusão do seu relatório.

Agora era com os gorilas do Terceiro Subsolo.

—oOo—

O Chefe da Guarda estava satisfeito. Finalmente iam realizar um trabalho objetivo. Esse negócio de máquinas e mente não era com ele. Nada como uma boa sessão de dor física e ameaças de mutilação para despertar as lembranças mais bem guardadas. Queria ver a coragem desse sujeitinho diante do fogo, do cutelo, do pau-de-arara, do choque elétrico. Velhos métodos, sempre eficientes. Já vira homens mais fortes do que ele se desmancharem feito crianças.

Mas tinha que reconhecer que era valente.

Depois de tudo, caminhava ao seu lado em direção à tortura absolutamente indiferente.

Olhava as paredes ao seu redor como se nada mais importante lhe passasse pela cabeça.

A cela do Terceiro Subsolo era ampla e nua.

Nada de jardins ou cadeiras aconchegantes. Apenas um catre, uma cadeira simples e uma latrina tosca.

O Especialista entrou, atirou-se sobre a cama e dormiu instantaneamente.

Parado diante dele, o Chefe da Guarda observava a respiração regular e o rosto sereno.

O homem era frio. Isto ele tinha que admitir.

—oOo—

A sombra do Torturador, debruçado sobre ele, diminuiu um pouco a intensidade da luz que o cegava.

“Quem são eles?... Fala, desgraçado!...”

A voz doce do início desaparecera. Era uma de suas características: extrema dor física e uma gentileza oriental. Mas este cara o punha fora do sério.

O estilete arrancou a última unha com violência.

O Especialista soltou um urro e tombou para trás. De sua boca escorriam sangue e saliva, e o rosto intumescido estava coberto de suor. Os olhos eram uma pasta irreconhecível.

Mas, entre as pálpebras feridas, o olhar era frio.

Quando retornou à posição inicial, ele apenas sorriu com dificuldade e respondeu:

“Eles me chamam o Especialista.”

Um pontapé no estômago o jogou fora da cadeira.

“Levem esse filho de uma cadela de novo pro pau-de-arara... Eu desisto!... DE-SIS-TO!... Ele não é normal!... É um perverso... Parece que gosta de sofrer!...”

“Pois vamos satisfazer os desejos dele...”

O Chefe da Guarda arrastou o prisioneiro, que seguiu cambaleando pelo corredor.

O Torturador examinou o papel à sua frente.



“Agora é tarde demais. O pássaro se foi esta manhã...”

“Que história é essa?... Eu disse que preservasse a vida dele... As ordens foram bem claras!...”

“O homem resistiu a tudo... essas coisas acontecem... a gente não pode controlar... um coração mais fraco...”

“Coração fraco coisa nenhuma!... Você leu o relatório. As análises concluíram que não era humano. Um clone!... um exemplar raríssimo perdido por causa da incompetência de vocês!... Um indivíduo destes não pode ser destruído tão facilmente!...”

“Olha aqui, não enche meu saco!... Ninguém me avisa nada... entregam a mercadoria e querem que eu arranque a informação. Depois, se alguma coisa dá errado vem querer me culpar. Que se danem!... Eu estou me lixando pra esse seu precioso robô!...”

“Robô, não!... Clone, seu cretino!... Um exemplar em tudo semelhante ao homem... coisa raríssima!... E você destruiu com seu sadismo burro!... Mas não vai ficar assim, não!... Pode esperar que vem chumbo grosso!...”

O Torturador sacudiu os ombros.

“Que se danem!...”

## Cena Final

O Escritor ligou a estereovisão.

A claridade da enorme tela cortou a penumbra da sala.

Os Tomadores de Café observavam atentamente as imagens do noticiário. Quando o locutor anunciou que o assassino do Honorável Sing Lo se suicidara na prisão, o mesmo sorriso irônico percorreu seus rostos.

“...os psicólogos da Polícia Científica garantem que era um desequilibrado e que agiu sozinho. Os motivos para o seu gesto ainda estão sendo investigados. Os policiais liberaram fotos do prisioneiro enforcado com uma corda feita com tiras do próprio lençol. Entidades de Direitos Humanos de várias partes do mundo protestaram e entraram com pedidos exigindo a autópsia do acusado. Mas as autoridades carcerárias garantem que ele será cremado amanhã às 17 horas. Como não tem parentes conhecidos, a cerimônia acontecerá no Crematório da Prisão de Segurança Máxima de Thor...”

O sorriso continuava.

“... e atenção para essa notícia: O PRESIDENTE DA UNIC, SING LO, NÃO MORREU NO ATENTADO!... Foi atingido em seu lugar um clone Sing Lo II, usado para ocasiões de perigo...”

Na suite da notícia, o locutor explicava, com desenhos computadorizados, o que era um clone substituto e como funcionava. Logo depois, um sorridente Sing Lo apareceu na tela, agradecendo a solidariedade e o pesar manifestados durante a sua suposta morte e demonstrando estar mais robusto e bem-disposto do que nunca.

O Escritor fitou os trinta e seis Judas ao seu redor e em cada sorriso viu o mesmo brilho dos trinta dinheiros.

O círculo dos traidores se fechou sobre ele e a última coisa que viu foi uma

arma apontada diretamente sobre sua cabeça.

Quando foi destruída a câmera de estereovídeo colocada atrás de suas células-olhos.

No interior do subterrâneo, em algum lugar do planeta, o Dr. Lannor desligou o aparelho receptor.

“Eu estava certo. Não se podia confiar neles...”

O Escritor concordou, entristecido.

“Eram bons camaradas. O poder corrompe.”

O outro não fez comentários. Perguntou apenas:

“Quer vê-lo agora?”

“Quero. A inteligência será preservada?”

“Claro. É um cérebro privilegiado. Mas quando os Tomadores de Café foram avisá-lo, já era o clone que estava na presidência da UNIC. O nosso clone. Aquele que o Especialista "matou".”

“Um plano sem falhas...”

O Escritor sorriu.

Entraram juntos no Laboratório. Deitado numa prancha metálica suspensa a um metro e trinta de altura, com monitores do Programa de Dissolução da Personalidade envolvendo sua cabeça, o poderoso Sing Lo, presidente da UNIC, respirava suavemente.

“Quando voltar a si, fará apenas o que nós quisermos. Agora somos os verdadeiros donos da Universal Idea Company! E destruiremos pedra por pedra de sua abominável estrutura... Viva a liberdade de expressão!...”

O Escritor respondeu:

“Viva!...”

Mas seu entusiasmo soou falso.

Pela primeira vez, ele e o Dr. Lannor evitaram se encarar.

Afinal, a UNIC era a UNIC.

O poder corrompe.

## **A Autora fala sobre a obra**

*O Especialista* foi criado a partir do desafio de um amigo, apaixonado por FC. Ele me propôs escrever uma história sobre alguém que não tinha emoções. Imaginei, então, um clone, um ser modificado geneticamente para este propósito. A partir deste personagem foi que elaborei toda a trama do conto. É uma história sobre o poder paralelo e como ele nos afetará de forma total, na medida em que o mundo se tornar cada vez mais globalizado, em que as grandes corporações financeiras se tornarem o verdadeiro poder por trás das nacionalidades de fachada. É também uma história sobre a angústia da criação, sobre uma época em que parece que tudo já foi dito ou feito, em que a arte procura uma novidade descartável atrás da outra. Existe um outro tipo de Unic a nos perseguir. Finalmente, é uma história sobre a fraqueza do homem, sua capacidade infinita de se corromper. O Especialista foi o único capaz de morrer por alguma coisa. E não tinha emoções humanas. Talvez o homem não tenha conserto. Talvez os clones, planejados geneticamente, sejam uma opção. Minha história é, basicamente, sobre tudo isto. E sobre como nada é o que parece, como a realidade é, em última instância, uma ilusão.

**Maria Helena Bandeira, Janeiro 2002**